

CONQUISTA E CULTURA MATERIAL NA NOVA ESPANHA NO SÉCULO XVI*

*Fernando Torres-Londoño***

Resumo

Este texto examina como a cultura material dos povos indígenas foi vista e tratada no século XVI. Privilegia a forma como diversos objetos aparecem nas crônicas e aponta para uma série de operações que esteve presente na atitude geral que a sociedade colonial teve ante o mundo indígena.

Palavras-chave

Cultura material; civilização indígena; sociedades pré-colombianas.

Abstract

This text examines how the material culture of the indigenous people was seen and treated in the XVIth Century. It privileges the way as several objects appear in the chronicles and it points out a series of operations that were present in the general attitude, that the colonial society had in face of the indigenous world.

Key-words

Material culture; indigenous civilization; pre-Columbian societies.

Levando em consideração os registros escritos dos primeiros contatos entre os europeus e o Novo Mundo, os olhares dos recém-chegados foram lançados mais sobre a natureza, sobre os corpos de homens e mulheres ou mesmo sobre atitudes e práticas, como as religiosas, do que sobre os objetos. Sabemos, pelas lembranças de Colombo, de suas primeiras impressões a respeito das árvores da ilha batizada de São Salvador, das águas, dos pássaros. Também diz o almirante que os índios estavam nus, que eram morenos e de boa estatura. Ainda, Colombo acredita que os índios serão bons serviçais e, quando cristianizados, bons cristãos. Segundo o almirante, no dia 13 de outubro, quando alguns deles vieram ao navio em suas pirogas ele viu que,

(...) traziam novelos de fio de algodão, papagaios, lanças e outras coisinhas que seria tedioso descrever e davam tudo por qualquer coisa que lhes fosse dada. E eu estava atento e me esforçava por saber se havia ouro e vi que alguns deles traziam um pedacinho pendurado num furo que tinham no nariz.¹

Desde o primeiro contato, lá nas pequenas ilhas do mar do Caribe, Colombo acreditou estar próximo à China. Houve uma seleção no olhar e na consideração da tecnologia e dos objetos produzidos no variado leque das culturas indígenas. Colombo só “estava atento” para o ouro. Essa seleção estará entre as atitudes que definirão desde o início esse complexo processo cultural da conquista do continente e de seus habitantes por parte de Ocidente. Por mais admiração que a arquitetura de Tenochtitlan, os tecidos dos incas, a escrita em papel dos maias suscitasse em alguns espanhóis, ela foi deixada de lado pela procura pragmática das representações de valor da Europa do século XVI: os metais preciosos, as pérolas, as pedras preciosas, os objetos de ouro e prata que, rastreados na sua produção e origem, poderiam conduzir à sua fonte: às minas e lavras dos rios. Tais atitudes se configuraram e desenvolveram no esforço redutor que o colonialismo e a expansão ocidental representaram para América.

Será proposto, aqui, que para que essas atitudes se arraigassem na sociedade colonial que nascia, uma série de operações discursivas, físicas e de representações foi realizada desde 1492 e durante o século XVI, por parte dos europeus e seus descendentes em relação ao continente, a seus habitantes e às culturas aqui existentes. São essas operações as que me têm interessado em minha investigação a respeito da invenção desse “novo mundo” por parte dos europeus.

Acredito que a relação com os objetos de cultura material indígena foi mais um espaço, no século XVI, para que espanhóis, índios e seus descendentes se enfrentassem em embates culturais, nos quais se cruzavam perseguições, proibições e abandonos, substituições, preservações e adaptações.² Objetos que para os índios eram sagrados, como representa-

ções de seus deuses em cerâmica e metal, tigelas e vasos cerimoniais, para os espanhóis eram idolátricos. Práticas que para os índios determinavam suas vidas, como os rituais dos mortos, a necromancia, para os espanhóis eram indícios demoníacos. Assim, durante o século XVI e início do XVII, ocorreram diversas operações simultâneas para produzir o esquecimento, e, de outro lado, manter a memória na lembrança e no uso da cultura material indígena.

Dirijo minha indagação a respeito da recuperação desses olhares e operações cruzadas em relação à cultura material, sirvo-me de uma série de textos, que aparecem aqui escolhidos por proximidade, mas que remetem a muitos outros, que de alguma forma se referem a esse momento crítico de nossa história cultural.

Seleção, desqualificação, destruição e redução da cultura material dos povos indígenas

Frei Ramon Pane, primeiro religioso a chegar ao Caribe na segunda viagem de Colombo, fez, em 1496, por ordem de Colombo, um relato do “que pude aprender e saber das crenças e idolatrias dos índios”.³ Preocupado com a incorporação dos nativos ao cristianismo, recolheu principalmente suas práticas supersticiosas e idolátricas. Assim, descreveu os *cemís*, na sua opinião, ídolos feitos de pedra, raízes e tocos de madeira, reverenciados pelos nativos e utilizados pelos curandeiros para a localização dos males e doenças.

Um processo de desqualificação começava ali, a partir da associação de objetos de culto e representações dos deuses à idolatria.

Na Conquista do México, tanto Cortés como Bernal Dias Del Castillo, jovem soldado que de velho virou cronista, privilegiaram, por sua parte, a narrativa intensa dos eventos de sua intrincada jornada e as impressões produzidas pelo relacionamento com Montezuma e sua corte. Porém, nas cartas de Cortés ao imperador Carlos V, algumas das descrições de Tenochtitlan se mantiveram na memória de seus leitores. Na sua conhecida passagem sobre o mercado, diz que

*(...) hay cotidianamente arriba de sesenta mil animas comprando e vendiendo, donde hay todos los géneros de mercaderia que en todas las tierras se hallan, asi de mantenimientos como de vituallas, joyas de oro y de plata, de plomo de laton de cobre, de estaño, de piedras, de huesos, de conchas, de caracoles, y de plumas. Véndese cal, piedra labrada e por labrar, adobes, ladrillos, madera labrada y por labrar de diversas maneras.*⁴

Falando também que:

Hay a vender muchas maneras de hilados de algodón, de todos los colores, em sus madejicas, que parece propriamente alcaicería de Granada, en las sedas aunque esto otro es en mucha

*más cantidad. Venden colores para pintores, cuantos se pueden hallar en España y de tan diferentes matices cuanto pueden ser. Venden mucha loza en gran manera muy buena, venden muchas vasijas de tinajas grandes y pequeñas, jarros, ollas, ladrillos y otras infinitas maneras de vasijas, todas de singular barro, todas o las mas, vidriadas e pintadas.*⁵

Preocupado em transmitir para o imperador uma imagem grandiosa do México-Tenochtitlan, que estava conquistando para Castela, Cortés seleciona o que assinala a qualidade do reino dos Astecas, e assim aponta, tanto para a variedade de artigos à venda no mercado como para a sua qualidade e ainda o requinte de alguns, como o algodão, que compara à seda crua de Granada. Também não deixa Cortés de manifestar sua estranheza da convivência da ordem com a barbárie. Assim, desculpando-se, diz

*Y por no ser más prolijo en la relación de las cosas de esta gran ciudad, aunque no acabaría tan aína, no quiero decir mas que en su servicio y trato de la gente de ella hay la manera casi de vivir que en España; y con tanto concierto y orden como alla, y que considerando esta gente ser bárbara y tan apartada del conocimiento de Dios y de la comunicación de otras naciones de razón, es cosa admirable ver la que tienen en todas las cosas.*⁶

Entre os astecas impera a ordem e o concerto, e para Cortés ali “quase” se vive como na Espanha. Porém, como anotou Todorov, a admiração pelas produções dos astecas e a constatação de uma civilização onde reinava a ordem, não faz com que Cortés reconheça “seus autores como individualidades humanas equiparáveis a ele”.⁷ Assim mesmo, admirando-a, Cortés destruiu Tenochtitlan e com ela as praças, ruas e palácios que descreveu.

Dias del Castillo, outro admirador da capital dos méxicas traz, seu olhar seletivo, como quando descreve a descoberta de uma câmara com o suposto tesouro do pai de Montezuma. Falando do grande número de lâminas de ouro e de pedras preciosas, sem se deter em nenhuma, preferiu descrever o impacto que tanta riqueza produziu nele mesmo “e assim que os vi digo que me admire e como naquele tempo era mancebo e não tinha visto em minha vida riquezas como aquelas, tive certeza que o mundo não deveria haver outras tantas”.⁸

Por sua parte, o franciscano Diego de Landa, que viveu no Iucatã de 1549 a 1563, e chegou a ser provincial de sua ordem e bispo, descreve, na relação a respeito da região, os numerosos templos e magníficos palácios, que seriam “*la mas señalada cosa de cuantas hasta hoy em las Índias se han descubierto, porque son tantos y tantas las partes donde los hay y tan bien edificados de canteria, a su modo, que espanta, y porque esta tierra no es tal al presente*”.⁹ Landa escreve que o número de prédios é tanto “*Que si no es a quienes los han visto, parecerá burla hablar de ellos*”.¹⁰

Indo além de Cortés e Días del Castillo, em seu deslumbramento ante a monumentalidade e número dos templos e palácios da arquitetura maia, Landa lembra que ele descreve o que viu para que não seja entendido como burla na Espanha e na Europa. Ele está convicto, pois, que muito do que visitou é praticamente inacreditável para o velho mundo. Daí seu esforço em produzir uma descrição digna de crédito.

A respeito do grande templo que existia em Izamal (pirâmide Popul Chac), Landa diz que era “*de tanta altura y hermosura que espanta*”¹¹ e, passando a descrevê-lo, diz que “*encima esta uma hermosa capilla de canteria bien labrada*”.¹² Landa diz, ainda, que num desses prédios os franciscanos construiriam o convento São Antônio de Pádua, que impressiona até hoje.¹³

Em vários parágrafos, Landa descreve com detalhes o fantástico conjunto de pátios e habitações que existiriam em T-hol, dizendo que um desses conjuntos foi dado pelo conquistador Montejo aos franciscanos para construir, com a mesma pedra, um mosteiro e uma igreja dizendo que “*Hubo tanta piedra de los cuartos, que (aún) esta entero el del mediodía y em parte los de los lados, y dimos mucha piedra a los españoles para sus casas en especial para sus puertas y ventanas; tanta era sua abundancia*”.¹⁴

No lugar da cidade de T-hol, cujos palácios encantaram a Landa, que chegou a desenhar sua planta, Montejo, o conquistador de Yucatã, fez construir Mérida, com as mesmas pedras, e, em alguns casos, utilizando as bases para lembrar a cidade homônima na Espanha, que aludia à presença de Roma na península Ibérica. Assim, cidades sem similar no velho continente foram destruídas para serem substituídas no novo continente por réplicas de cidades da Europa, que remetiam a antigas civilizações.

Num caso a mais dessa operação de destruição, que era antecipada pela admiração, diz o franciscano que

*Usaba también esta gente ciertos caracteres o letras con las cuales escribían en sus libros sus cosas antiguas y sus ciencias y con estas figuras y algunas seales de las mismas, entendian sus cosas y las daban a entender y enseñaban. Hallámosles gran número de libros de estas sus letras, y porque no tenían cosa en que no hubiese superstición y falsedades del demonio, se los quemamos todos, lo cual sintieron de maravilla y les dio mucha pena.*¹⁵

Admirados, primeiro, templos e livros eram relacionados com a idolatria, pecado-mor do novo mundo, e não tinham como permanecer: deveriam, ser destruídos, pois Landa, mais que Cortés, realiza na sua vida esse embate. Decidido a extirpar a idolatria que persistia, Landa, sendo provincial dos franciscanos, desencadeia em 1562 uma perseguição contra qualquer vestígio das antigas práticas, que leva inúmeros índios à prisão, à tortura e à fogueira, chegando até provocar a reação das autoridades e um longo processo que o leva

a sair de Iucatã. Ao mesmo tempo, devemos a Landa, através de sua relação, as primeiras referências ao calendário maia, com a lista dos meses e seus dias, com seus respectivos signos, que ele copiou dos textos que mandou queimar, num gesto revelador do que foi essa dupla atitude dos conquistadores no século XVI, em relação à cultura material americana.

A despeito das passagens de Landa e do próprio Cortés a respeito da cultura material de México e Iucatã, no imaginário que circulou na Europa do XVI sobre os índios, se consagrou a referência obrigatória ao trio: arco e a flecha ou lança; os enfeites de penas nas cabeças e nos membros e os colares sobre o peito, invariavelmente nu, como aparece nas inúmeras gravuras das oficinas Da família De Bry no final do XVI e início do XVII.¹⁶ Os eventos coletivos, como os combates e as festas, atraíram os gravadores de Francfortesobre-o-Meno. Dezenas de figuras nuas se reproduziam numa clonagem da barbárie, que não exigia muita imaginação do gravador.

As tecnologias americanas foram sendo reduzidas às armas e aos enfeites corporais. Imaginar o índio foi, pois, pensar em nudez, arcos, flechas e penas. Componentes esses de um ícone que já atravessa cinco séculos. A condição original da nudez, a guerra, sua barbárie e o uso de penas que ligava os indígenas ao exotismo e aves, foram as matrizes que se difundiram pela Europa do XVI dos povos da América. Com a redução ao ícone da barbárie, fortaleceu-se o processo de desqualificação, que havia começado com a seleção e continuado com a destruição acompanhada da substituição.

Foi, pois, difícil para os que escreveram sobre o Novo Mundo, ou tentaram representar a América, fugir de referências que colocavam as nações indígenas, e sua cultura, próximas da barbárie. Em parte, primeiro, porque o grande debate que se deu no final da primeira metade do século XVI, sobre a liberdade dos índios, que teve Frei Bartolomeu de Las Casas como um dos protagonistas principais, polarizou as opiniões a respeito da condição bárbara ou não dos habitantes da América. O próprio Las Casas, ao descrever os índios como seres “de inata sinceridade, simples, modestos, mansos, bondosos”,¹⁷ passa uma imagem que Hector Bruit qualifica de servil, “em sua intenção de convencer que os indígenas eram seres desarmados e anódinos, chegando ao extremo de pintá-los como imbecis”.¹⁸ Por sua parte, Gines de Sepúlveda, o mais conhecido adversário de Las Casas, acredita que os índios são “homúnculos nos quais mal encontrarás vestígios de humanidade, que não só não possuem doutrina alguma, mas também não usam letras, nem conheceram, não têm nenhum monumento de grandes feitos”.¹⁹

Também não se incentivou a construção de uma outra imagem, porque, para a coroa espanhola e para os funcionários coloniais, os missionários, os conquistadores e seus descendentes, era perigoso conservar referenciais do passado indígena, que, segundo eles, podiam estimular rebeliões e manter a idolatria. Assim, a obra de Frei Bernardino de

Sahagún, a ser comentada a seguir, teve seus originais recolhidos em 1577, por decisão de Felipe II em cédula real onde se instrui o vice-rei da Nova Espanha para “estar atento de não consentir que de modo algum pessoa nenhuma escreva coisas que se refiram a superstições e a maneira de viver que esses índios tinham”.²⁰ Produzir o esquecimento em relação às realizações do passado indígena era algo estratégico para a consolidação da conquista e do projeto colonial. Nas últimas duas décadas finais do XVI e nos anos seguintes, considerar a chegada dos europeus e do cristianismo como marco zero da história do continente passou a ser um traço cultural colonial, do qual poucos cronistas espanhóis escaparam.

Só os que chegaram a dominar as línguas nativas e que se interessaram por conhecer de forma sistemática a vida dos índios puderam chegar a ter uma visão da complexidade cultural e tecnológica deles. Um deles foi Frei Bernardino de Sahagún.

A inquirição dos indígenas e o olhar da suspeita

Sahagún tinha chegado à Nova Espanha, provavelmente, em 1529, numa das levadas de franciscanos que nessa década chegaram a Nova Espanha, e participou junto com seus irmãos de ordem, na implantação da Igreja no México, que foi vista por alguns como a fundação de uma nova Igreja.²¹ Os franciscanos daquela época valorizaram o aprendizado das línguas indígenas, fazendo a catequese com instrumentos adaptados, como catecismos, doutrinas cristãs, orações, sermões e autos de história sagrada, escritos e impressos em náhuatl, a língua dos astecas, que também era ensinada em sua forma culta.²² Entre os instrumentos, estava também a formação de um clero indígena, a partir da educação religiosa de jovens provenientes da nobreza e aristocracia indígena do centro do México. Esse esforço franciscano conseguiu ser levado adiante durante alguns anos por uma geração de grandes missionários, entre os quais figuras como frei Toribio de Benevente, conhecido entre os índios como Motolinía, frei Jerônimo de Mendieta, que além de seu trabalho pastoral deixaram crônicas notáveis, e o próprio frei Bernardino de Sahagún. Também, mesmo esforço, conseguiu formar, no colégio de Santa Cruz de Tlatelolco (1533), um par de gerações de leigos letrados bilíngües e trilingües (escrevendo e falando em náhuatl, espanhol e latim), que formariam a primeira intelectualidade pós-colonial que se esforçou em afirmar sua identidade cultural.²³

Foi a esses jovens que Sahagún recorreu, para, junto a “principais e antigos” de “pueblos” como Tetepulco e Santiago de Tlatelolco, conhecer, no contato direto e profundo, a vida dos “naturais” antes da chegada dos espanhóis.²⁴ Sahagún pretendia, assim,

chegar a desvelar o que, na sua opinião, era o grande obstáculo para a afirmação do catolicismo no México: a profunda raiz (o amplo arraigo), na vida de seus habitantes, da idolatria. Isso porque, segundo Sahagún,

(...) para predicar contra estas cosas, y aún para saber si las hay, menester es de saber como las usaban en tiempo de su idolatria, que por falta de no saber esto en nuestra presencia hacen muchas cosas idolátricas sin que las entendamos; y dicen algunos, excusándolos, que son boberías o niñerías, por ignorar la raíz de donde salen que es mera idolatria.²⁵

Conhecendo os missionários as crenças e as práticas da idolatria no passado, quando reinava soberana, acreditava o franciscano que seria possível detectar sua presença e erradicá-las. Assim, instruiu os jovens para ir falar com “os antigos” e perguntar pelos seus deuses, suas festas, cerimônias e ritos anuais, o calendário, as oferendas, jejuns, disciplinas e sacrifícios de animais e seres humanos; também deveriam averiguar suas crenças, agouros e superstições; e se informar sobre os diversos tipos de pessoas, reis, sacerdotes, governantes, senhores, mordomos, mestres artesãos, comerciantes, nobres e lavradores e sua vida familiar em suas relações. Os estudantes de Santa Cruz de Tlatelolco foram os olhos indígenas de Sahagún. Seus olhares sobre um mundo ao qual pertenciam, mas que em muitos aspectos desaparecia na sua frente; investigavam para Sahagún e registravam em textos em nahuátl, o que era desprezado pelo olhar da colonização que se afirmava.²⁶ Desde 1550, durante vários períodos, sendo que alguns se estenderam por dois anos, os estudantes foram aos “pueblos” e entrevistavam os anciões e voltavam com cadernos e textos em nahuátl, que Sahagún foi organizando para produzir uma obra monumental em 12 livros, *A História General de la Nueva España*, que a contragosto dá por concluída em 1575, conforme afirma no seu prólogo.²⁷

É ali, entre páginas e páginas sobre a crença e culto de dezenas de divindades dos mexícas, que encontramos inúmeras referências à vida material, aos objetos e à tecnologia que se fazia presente no dia-a-dia dos habitantes do antigo México. Como a preocupação de Sahagún é “*con el bosque de la idolatria que no esta talado*”,²⁸ assim, suas referências e opiniões sobre a vida material aparecem sempre associadas ao conhecimento dos cerimoniais, abusos e superstições dos mexícas. As descrições da roupa vestida pelas imagens e representações dos deuses,²⁹ pelas vítimas dos sacrifícios³⁰ e pelos reis,³¹ sacerdotes e senhores,³² é pois abundante e detalhada. Por essas descrições, sabemos da importância que Sahagún dá à roupa. Também dos diversos significados hierárquicos e religiosos a elas atribuídos e dos mais variados tipos de adornos na sociedade mexíca, que, em muitos casos, remetiam a atributos ou papéis dos deuses e das pessoas. Conhecem-se assim, na

obra do franciscano, os adereços, coroas, borlas, brincos, pingentes, colares, cetros, báculos, mantas, saiotes e sandálias que os homens de maior destaque ou em ocasião de festa vestiam e calçavam.

O mesmo acontece com as roupas das deusas e suas representações. Falando assim, de uma festa aos deuses de Amantla, dizia que *“dos mujeres la que se llamaba Xiuhlati iba ataviada con un huipil azul y la otra que se llama Xilo, que era la menor, iba vestida con un huipil colorado teñido con grana; estas ambas tenían los huipiles sembrados de plumas ricas, de todo género de aves que crían plumas ricas”*.³³ Também descreve as roupas das mulheres de linhagem. Diz: *“usaban la señoras vestirse de huipiles labrados y tejidos de muy muchas maneras de labores . Usaban también la señoras de poner mudas en la cara con color colorado o amarillo, o prieto hecho de incienso quemado con tinta”*.³⁴

Fala, pois, dos diversos penteados: *“y los tocaban a la cabeza, y así lo usan hasta ahora, haciendo de ellos como cornezuelos sobre la frente”*.³⁵ Acrescentando que tingiam os cabelos, pintavam as unhas e tomavam banho com sabonete.

Na preocupação de Sahagún por decifrar um sistema, a roupa apontava para distinções de condição social e papéis, fazendo emergir uma sociedade que fazia sentido, ordenada pelo seu erro idolátrico. Nessas descrições de vestimentas, confere-se uma atenção especial às penas na confecção dos adereços e das roupas. Descrevendo os escudos dos reis diz: *“nada era vulgar: todo era una capa de plumas empastadas con engrudo; de plumas de loro amarillo, de plumas tornasoles; un revestimiento de plumas de azulejos, de colibri, de pechirrojo, pintados, decorados, teñidos de varios colores”*.³⁶

Escreve sobre Amantla e seus habitantes, que se dedicariam à arte plumária, onde filhos e filhas eram educados para arte

*(...) pero si era mujer, pedian para ella que aprendiera a bordar, que pudiera pintar, que matizara bien todo lo que se lê ponía delante: el variado color de los pelos de conejo o de las plumas. Que todo eso lo pintara, lo tiñera de rojo, de amarillo, de matices multicolores, de azul oscuro, de azul claro, de morado...*³⁷

Sahagún transmite com preciosismo o encantamento produzido pela mais alta arte plumária aos olhos dos estrangeiros. Produzindo aqui um raro instante de fascinação, que restituiu ao objeto sua originalidade e beleza, independentemente de associações idolátricas.

Com um destaque um pouco menor, mas com inúmeras menções, os tecidos, em particular os das mantas e dos *huipiles*, ocupam também Sahagún. Assim, ao falar do mercado de escravos em Azcapotzalco, diz que o preço de um deles estaria entre 30 e 40 mantas.³⁸ As mantas eram também o principal presente que os comerciantes davam aos convidados nos seus banquetes de sacrifícios.³⁹ A constante presença de mantas em cerimônias aponta

para outros significados, distintos do de vestuário ou representação de valor de troca, com o qual se podiam pagar tributos ou adquirir variados objetos e mesmo cativos. Elaboradas, talvez cumprindo certas prescrições, elas se tornavam sagradas depois de serem utilizadas em rituais onde a fumaça de incenso era lançada sobre elas.⁴⁰

Símbolos de distinção e condição social, as mantas revelam a Sahagún os favores, as alianças e homenagens que regiam as relações entre diversas camadas e comunidades do centro do México.

Por estarem associados diretamente com as mais diversas cerimônias, a música, o canto e a dança compunham, segundo Sahagún uma tríade que ele chamou de *areito*. Palavra de origem caribenha, *areito* designava o canto dos indígenas, invariavelmente acompanhado de dança. Descrita inúmeras vezes como “*um mismo meneo con el cuerpo y con los pies; diversísimos meneos y diversísimos tonos al cantar; pero todo muy agraciado y aum muy místico*”.⁴¹ Assim, os caracóis, tambores de couro e madeira, pandeiros presentes nesses *areitos* foram seguidamente enumerados.⁴² Falando da casa dos cantores diz: “*y tenían a la mano aparejados todos los atavíos del areito, atambor y atamboril, con sus instrumentos para tañer el tambor y una sonajas que se llaman ayacachtli y flautas con todos los maestros tañadores, cantores y bailadores*”.⁴³ Bem a seu estilo, os músicos dialogam os instrumentos e Sahagún descreve tambores e flautas.

De forma parecida à presença dos instrumentos musicais, os objetos de cerâmica aparecem associados ao cotidiano. Falando dos comerciantes e produtos que comercializavam diz que

*Tratan también en vasos preciosos, hechos de diversas maneras y pintados con diversas figuras, según que en diversas terras se usan, unos con tapaderos hechos de conchas de tortugas y cucharas de lo mismo para revolver el cacao; otros con tapaderos muy pintados de diversos colores y figuras hechas a manera de una hoja de arbol y otros palos preciosos para revolver el cacao.*⁴⁴

Mencionada de passagem em referências à vida cotidiana, a cerâmica ganha importância quando associada a rituais. Falando sobre as cerimônias feitas ao deus da chuva e da preparação do cativo que iria ser sacrificado na sua festa, diz que “*ponianle en la mano um vaso verde lleno de agua y con um ramo de salce rociaba a todos como quien echa agua bendita*”.⁴⁵ A cerâmica também está presente nas oferendas feitas com imagens propiciatórias, com figuras humanas ou mesmo do vulcão Popocatepetl e a imagem da Serra Nevada. “*Despues de hechas estas imágenes ofrecianles papel de lo que ellos hacian, y era que*

*um pliego de papel le hechaban muchas gotas de goma que se llama ulli derretido; hecho esto colgaban al cuello de la imagen el papel, de manera que lê cubria desde los pechos abajo, y con el remate de abajo arpaban el papel”.*⁴⁶

Presentes nos cultos idolátricos e nas mais diversas cerimônias, as cerâmicas, para Sahagún, são símbolos a examinar e decifrar.

Outros recipientes também são mencionados nessas oferendas, sendo eles mesmos representações de objetos preciosos de difícil circulação, como o jade. Assim, diz que

(...) ofrecian asimismo a esta impagenes vino, u octli o pulcre, que es el vino de la tierra; y los vasos en que lo ofrecian eran de esta manera. Hay unas calabazas lisas, redondas, pecosas, entre verde y blanco o manchadas que las llaman tzilacayotli, que son tan grandes como un gran melon, a cada una de estar partianla por la mitad y sacabanle lo que tenia dentro y quedaba hecha como una taza y hechianla del vino dicho y ponianlas delante de aquella imagen o imágenes y decian que aquellos era vasos de piedras preciosas que llaman chalchihuitl (jade).⁴⁷

Petates, bancos de junco,⁴⁸ bandeiras de papel, mantas,⁴⁹ se faziam presentes ainda em oratórios e altares familiares, quase sempre acompanhados da queima do incenso dos índios, o copal.⁵⁰ Objetos do cotidiano que, em um uso cerimonial, apontavam para Sahagún a onipresença da idolatria.

Ainda, e sem esquecer os diversos tipos de armas e instrumentos de cozinha, traz o franciscano uma menção que “*Los de México, o los de esta Nueva España, en su infedilidad solian contar los años por cierta rueda con cuatro señales o figuras, conforme a las cuatro partes del mundo.*”⁵¹ Também se refere à tinta⁵² e ao papel,⁵³ presentes nos *tonalámatl* ou livros de adivinhação.⁵⁴

Uma variedade de objetos desfila, nas páginas de sua *História da Nova Espanha*. Eles se multiplicam a cada descrição de uma ou outra atividade ou festa, cerimônia, função ou arte. No seu uso, eles apontam para os mais diversos significados, incluídos os idolátricos.

Todos esses objetos remetiam às pessoas que os confeccionavam. No caso das roupas e tecidos, associados às tecelãs e costureiras, o franciscano delas se ocupa quando trata das ocupações das mulheres, pois, “*las señoras usan tener muy muchas maneras de alhajas e instrumentos para seus oficios de hilar y urdir y tejer y labrar y cardar algodones y tener otras cosas necesarias, tocantes a los ejercicios de sus labores.*”⁵⁵ Em outra, parte diz que “*la tejedora de labores tiene por oficio tejer mantas labradas, o galanas y pintadas (...) sabe matizar los colores y ordenar las bandas en las mantas, al fin hacerlas labradas y galanas de divers colores.*”⁵⁶

Para as outras artes e ofícios, como os que lavram ouro e prata,⁵⁷ os que “*labrabam chalchihuites y entalladores*”,⁵⁸ os oficiais de pluma, os ferreiros e fabricantes de panelas,

Sahagún julgou que seria suficiente deixar sua descrição para o texto em nahuátl, em grande parte de autoria dos estudantes. O que revela, de alguma forma, sua visão do destino de assimilação das técnicas indígenas na sociedade colonial que se afirmava. “*De la manera de labrar de los plateros, no importa mucho ni para la fe ni para las virtudes, porque es práctica meramente geométrica*”.⁵⁹ O mesmo diz da técnica dos que lavram a pedra, que “*no se pone en romance, porque como es cosa muy usada y siempre se usa en los pueblos principales de esta Nueva España*”, concluindo que “*asi el que quiera saber se informe con los propios oficiales*”.⁶⁰ Repetindo isto para os ofícios em plumas, “*y también ahora los usan donde quiera que estan, por eso no se declara en la lengua española, quien quisiere verlos y saber sus nombres, de los mismos oficiales lo podra saber y verlos con sus ojos ...*”⁶¹

Devemos a Angel Garibay, o resgate no texto nahuátl de preciosidades como a descrição detalhada das técnicas para a produção de objetos em ouro desde o molde em carvão, a aplicação da cera e depois do ouro líquido fervendo, informação que consome quatro páginas do texto.⁶² Também na parte dos joalheiros diz que “*Los artífices lapidários cortan el cristal, blanco o rojo y el jade y la esmeralda com arena de sílice y com um metal duro. Y los pulen com pedernal y los perforan y horadan com um punzon de metal*”.⁶³ Ainda na arte plumária, já mencionada chama atenção para a descrição dos instrumentos “*la paletilla de metal, cuchillo de metal, com que se cortaba la pluma, y la plegadera de hueso com que se pega y el pincel y la cazoletas de pintura com que pintan y delinear un modelo y el cortador de palo*”.⁶⁴

Uma sociedade complexa emerge do texto de Sahagún. De acordo com seu proceder, de apresentar o que se opunha à fé cristã e condená-lo, mas também apontar para a presença de elementos de moral, educação e polícia entre os índios, e revelar o “quilate da gente mexicana”, o franciscano apresentou que aqueles objetos estavam no cotidiano e que sua produção era dominada por tantos e pública, que acreditou não ser necessário descrevê-la.

As técnicas pré-hispânicas e os instrumentos permaneciam, pois, mimetizados na nova sociedade, tão evidentes em toda parte que não deveriam ser destacados, negando-lhes sua memória. Ao mesmo tempo, a habilidade dos artesãos indígenas anunciava a possibilidade de seu aprendizado na produção de outros objetos. Já Bernal Dias del Castillo tinha observado que

(...) todos os índios naturais destas terras aprenderam muito bem todos os ofícios que há em Castela, entre nós, e têm suas oficinas e operários, e ganham de comer com isso, e ourives de ouro e de prata, tanto malhado como fundido, são extremamente peritos, e também os joalheiros e pintores, os entalhadores fazem obras-primas com suas delicadas sovelas de ferro... Além disto, a maioria dos filhos dos chefes principais costumavam ser gramáticos, e aprendiam

muito bem, mas no santo sínodo que o reverendíssimo arcebispo de México mandou fazer mandaram acabar com isso; muitos filhos de principais sabem ler, escrever e compor livros de cantochão... Há oficiais em tecer seda, cetim, tafetá, e fazer panos de lã, frisas e burel, e mantas e cobertores felpudos, e há cardadores e tecelões, segundo da maneira que se faz em Segóvia e em Cuenca.⁶⁵

Finalmente, mesmo destacando, Sahagún não seleciona como outros cronistas. Tudo merece sua atenção. Para ele a sociedade mexíca representa um desafio a sua capacidade de entender e explicar o que à primeira vista parece incompreensível. Ele faz emergir um universo cultural que pode encontrar correspondências no Ocidente. Assim, Sahagún não despreza, não desqualifica o que não esteja relacionado à idolatria. Mas desconfia. Uma manta, um tambor, um copo, um petate, numa cerimônia ou num lugar particular deveria gerar suspeita. A idolatria não descansa, e há segredos e mistérios que devem ser desvelados, para que os erros ocultos possam ser erradicados.

Concluindo, parti de Colombo no Caribe e cheguei até Sahagún na Nova Espanha, para recuperar seu detido exame da cultura material dos mexícas e inventariar os numerosos objetos mencionados na sua obra. Desde o início, os europeus, olhando para o Novo Mundo, selecionaram, como Colombo, o que referia a valores conhecidos como o ouro ou desqualificaram os comportamentos ou objetos que remetiam à idolatria. Nos mais de oitenta anos entre o almirante e um dos maiores cronistas das Índias, no antigo território asteca, milhões de homens e mulheres, adultos e crianças, desaparecerão ceifados pelas epidemias ou vítimas da violência da conquista. Também, dezenas de antigos sacerdotes e especialistas religiosos mexícas foram perseguidos. Ao mesmo tempo, milhares de objetos e construções foram destruídos, muitas vezes consumidos no mesmo furor com que se perseguiram os depositários daqueles saberes expostos na obra de Sahagún. A produção de muitos desses objetos foi proibida e seu uso clandestino reprimido por diversas visitas religiosas.

No furacão de fúria cristã que varria o novo mundo, visto como império do diabo, uma nova cultura material foi sobreposta a outras. Como no Iucatã de Diego de Landa, onde se construirão mosteiros com as mesmas pedras dos templos maias, os artesãos e artistas indígenas aprenderam, muitas vezes nas oficinas dos frades, a ser pintores e joalheiros à maneira da Espanha, como o tinha percebido Bernal Dias del Castillo. Seguindo caminhos parecidos aos “gramáticos de Sahagún”, que de membros da elite mexíca viraram escritores em latim e espanhol. Mantendo nas suas produções utilitárias, estéticas ou literárias, no segredo de suas formas, o conteúdo das tradições de seus antigos.

Assim, houve na conquista, a respeito da cultura material, seleção, desqualificação, destruição, substituição e foi provocado um suposto abandono. Também todas essas operações foram marcando, por parte da cultura colonial que surgia, distâncias, desconfianças, desprezo, esquecimento, silêncio.

Ainda mesmo os que se esforçaram por conhecer a fundo algumas das culturas em interdito, como foi o caso de Frei Bernardino de Sahagún, olharam-nas com suspeita. Muitos dos objetos que o franciscano nos descreveu apareciam num contexto de idolatria, como os instrumentos que tocavam nos seus *areitos*. Identificada a idolatria com o diabo pelos missionários, o tratamento dado a seus sinais não deveria ser outro senão a destruição e sua proibição. Eles eram perigosos, assim como para o rei Felipe II era perigosa a memória sobre o passado indígena.

Recebido em junho/2005; aprovado em agosto/2005

Notas

* Versão parcial da conferência “Olhares e reações sobre a América Pré-colombiana na América Pós-colombiana”, pronunciada no ciclo de debates Idéias, no marco da exposição de Arte pré-colombiana, Por ti América, organizada pelo centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em outubro de 2005. Agradeço à curadora da exposição, Dra. Márcia Arcuri, o convite para o debate, e ao Dr. Eduardo Natalino dos Santos, os comentários ao texto.

** Professor do Departamento de História e do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP.

¹ COLOMBO, “Diário”. In: SUESS, P. *A conquista espiritual da América espanhola*. Petrópolis, Vozes, 1992, p. 99.

² Esse complexo processo de desqualificação da América e de seus habitantes, por parte do Ocidente, foi recuperado desde os Diários de Colombo até a obra de Gonzalo Fernández de Oiviedo, em obra notável e pioneira. A respeito, ver GERBI, A. *La naturaleza de las Indias Nuevas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

³ PANÉ, R. “A Relação”. In: SUESS, op. cit., p. 99 .

⁴ CORTES, H. *Cartas de relación*. Madrid, Historia 16, 1985, p. 132.

⁵ Ibid., p. 133.

⁶ Ibid., p. 137.

⁷ TODOROV, T. *A conquista da América*. São Paulo, Martins Fontes, p. 125.

⁸ DÍAZ DEL CASTILLO, B.. “História verdadeira”. In: SUESS, op. cit., p. 118.

⁹ LANDA, D. *Relación de las Cosas de Yucatan*. México, Porrúa, 1982, p. 106.

¹⁰ Ibid., p. 107.

¹¹ Ibid..

¹² Ibid., p. 108.

¹³ Ibid., p. 109.

¹⁴ Ibid., p.112.

¹⁵ Ibid., p. 105. Sobre os episódios protagonizados por Landa. na sua perseguição às idolatrias, ver a introdução de Angel M Graribay, p. IX.

¹⁶ Theodor de Bry foi um gravador belga que, a partir de 1590, começou a editar uma coleção de gravuras sobre as grandes viagens, onde se destacavam gravuras sobre América. Seus descendentes seguiram a tradição do fundador até a segunda metade de século XVII. As gravuras aqui referidas foram consultadas de ANDRA, H. e FALCÃO, E. de C. *América Pretérita Eventa*. São Paulo, USP, 1966.

¹⁷ LAS CASAS, B. “Réplica final de las Casas contra Sepúlveda”. In: SUESS, op. cit., p.543.

¹⁸ BRUIT, H. *Bartolomé de las Casas e a simulação dos vencidos*. São Paulo/Campinas, Iluminuras/ Editora da Unicamp, 1995, p. 144.

¹⁹ SEPÚLVEDA, G. de, “As justas causas da guerra contra os índios..”. In: SUESS, op. cit., p. 532.

²⁰ “Real Cédula a Martín Enríquez, vice-rei da Nova Espanha”. In: SUESS, op. cit., p, 765. A respeito, ver também SANTOS, E. N. dos. *Deuses do México Indígena*. São Paulo, Palas Athena, 2002, p.131.

²¹ Desde o final do século XIX, em particular nas últimas décadas do XX, a obra de Frei Bernardino tem inspirado rigorosos estudos, aqui, para referir a sua vida e obra, trabalho com um artigo que faz referência a alguns deles: BERNAL, I. “La obra de Sahagún, outra carta inédita de Francisco del paso y Troncoso”. In: HERNÁNDEZ DE LEÓN-PORTILLA, A. *Bernardino de Sahagún diez estudios acerca de su obra*. México, FC E, 1990, p. 59.

²² Entre 1524 e 1572, dos 109 títulos impressos na Nova Espanha, 66 o foram em nahuátl, fazendo dessa língua, por um tempo, um meio literário, ao qual aderiu com competência a elite indígena; a respeito ver BRADING, D. *Orbe indiano*, México, FCE, 1991, p. 136.

²³ Ibid., p. 138.

²⁴ No prólogo do livro II, deu crédito Sahagún aos quatro “latinos” que tinha sido seus estudantes de gramática e que ajudaram no seu trabalho: Antonio Valeriano de Azcopotzalco, Alfonso Vegerano de Cuauhtitlan, Martín Jacovita de Tlatelolco, Pedro de San Buenaventura de Cuauhtitlan, “*todos expertos en tres lenguas latina, española e indiana*”, SAHAGÚN, B. Fr. *Historia General de las Cosas en Nueva Espana*. México, Porrúa, 1989, p. 74. Sobre as edições da obra de Sahagún e a edição aqui utilizada, ver SANTOS, E. N. dos, op. cit., p. 134. Sobre os gramáticos, ver o mesmo autor, p. 120.

²⁵ SAHAGÚN, op. cit., p. 17.

²⁶ As informações básicas da obra de Sahagún foram feitas em nahuátl, pelos estudantes, transcritas por escrivães também indígenas e revisadas pelo frei durante anos. Uma versão desses textos dos “colegiales” permaneceu em uma recopilação posterior, a duas colunas, uma em nahuátl e outra em espanhol, que ficou conhecida como o Códice de Florência. A obra definitiva seria uma tradução do nahuátl ao espanhol, que o frade teria começado em 1565, o que tem feito que seus auxiliares possam ser vistos como autores e não simples ajudantes, a respeito ver BRADING, op. cit. p. 140.

²⁷ Sobre os transtornos políticos e religiosos, incluída a censura, que cercaram a realização e posterior situação da obra de Sahagún, ver SANTOS, op. cit., p. 128

²⁸ SAHAGÚN, op. cit., p. 43. Para uma interpretação da visão providencialista e teleológica de Sahagún, ver SANTOS, op. cit., p. 137.

²⁹ SAHAGÚN, op. cit., p. 32.

³⁰ Ibid., p. 511.

³¹ Ibid., p. 473.

³² Ibid., p. 461.

³³ Ibid., p. 518.

³⁴ Ibid., p. 468.

³⁵ Ibid., p. 469.

³⁶ Ibid., p. 529.

³⁷ Ibid., p. 528.

³⁸ Ibid., p. 507.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid., p. 165.

⁴¹ Ibid., p. 43.

⁴² Ibid., p. 39.

⁴³ Ibid., p. 468.

⁴⁴ Ibid., p. 46.

⁴⁵ Ibid., p. 48.

⁴⁶ Ibid., p. 49.

⁴⁷ Ibid., p. 50.

⁴⁸ Ibid., p. 58.

⁴⁹ Ibid., p. 242.

⁵⁰ Ibid., p. 164.

⁵¹ Ibid., p. 437.

⁵² Ibid., p. 699.

⁵³ Ibid., p. 49.

⁵⁴ Ibid., p. 36.

⁵⁵ Ibid., p. 469.

⁵⁶ Ibid., p. 561.

⁵⁷ Ibid., p. 515.

⁵⁸ Ibid., p. 468.

⁵⁹ Ibid., p. 516.

⁶⁰ Ibid., p. 519.

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid., pp. 521-524.

⁶³ Ibid., p. 525.

⁶⁴ Ibid., p. 529.

⁶⁵ DÍAZ DEL CASTILLO, B. "História verdadeira". In: SUESS, op. cit., p. 421.